



SUMÁRIO EXECUTIVO

Laboratório de Práticas Audiovisuais

Coordenadora: Profa. Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga (UFMG)

Pesquisadoras assistentes: Alexia Melo e Sílvia Miranda

Este sumário pretende apresentar os objetivos, o resumo das principais etapas e resultados finais da pesquisa Laboratório de Práticas Audiovisuais, LAPA, financiada pela Fundação Carlos Chagas e pelo Itaú Social por meio do Edital Anos Finais do Ensino Fundamental: adolescência, qualidade e equidade na escola pública, no período compreendido entre julho de 2019 e março de 2022. Trata-se de um projeto vinculado à Modalidade de Pesquisa 3, tendo sido proposto pela Faculdade de Educação da UFMG, como forma de adaptar o projeto Cinema, Educação e Comunidades por vir (2016-2018) para escolas indígenas e não-indígenas no segmento dos anos finais do ensino fundamental. O LAPA está enquadrado no campo temático I: Currículo, práticas e avaliação e está relacionado com o subtema “Estratégias para o enfrentamento e superação das relações étnico-raciais”.

O objetivo geral do projeto é investigar o uso das práticas audiovisuais (exibição e realização de filmes) por professores e alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental de escolas indígenas e urbanas para aprendizagem da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena com vistas a provocar reflexão sobre sua vida, Cultura e História. Nossa principal questão de pesquisa era verificar a possibilidade de criar outros processos de aproximação de professores e jovens às imagens que não estivesse de acordo com a cultura ocidental e eurocêntrica, mas que pudessem tornar visíveis e audíveis processos de produção de subjetividade relacionados com as histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas, apagadas, seja pela colonialidade ou pelo capitalismo.

Nesse sentido, entre os objetivos específicos do projeto estão:

- 1) Identificar as principais questões e elementos que surgem relacionados à construção de identidade, cultura, etnias e outras pertenças e marcas sociais no processo de produção de vídeos pelos professores e alunos de escolas urbanas e indígenas.
- 2) Examinar as diferenças nos conteúdos e processos de produção audiovisual entre professores e alunos de escolas urbanas e indígenas que participarão da pesquisa.
- 3) Propiciar o intercâmbio entre escolas e a divulgação dos vídeos produzidos pelos professores e alunos entre escolas e junto a comunidades de pertença de modo a difundir e refletir sobre questões de identidade, cultura e história.
- 4) Identificar os possíveis efeitos dos vídeos produzidos e divulgados nas escolas nos demais alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental que não tenham participado diretamente das práticas audiovisuais.



- 5) Promover a difusão do material produzido em outras escolas junto a professores e estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Os elementos que foram acionados para analisar o uso das práticas audiovisuais por parte de professores e estudantes foram extraídos dos processos de formação de professores e adolescentes, e também dos vídeos (produtos) resultantes desses processos. Uma análise pormenorizada desses processos e produtos se encontra no livro *Aprender com imagens: práticas audiovisuais em escolas de Belo Horizonte e da Terra Indígena Xakriabá*, publicado como um dos resultados desta pesquisa. Analisamos tanto as imagens quanto os processos pedagógicos e criativos que as originaram porque são aspectos indissociáveis. Para que pudéssemos realizar essas análises foi importante que tivéssemos todos os processos formativos gravados e os vídeos armazenados. Ambos os aspectos são importantes para a investigação proposta e identificam maneiras de fazer pesquisa em educação que levem em conta a criação e análise de imagem, algo que deve ser compreendido em sua especificidade.

Durante a fase presencial, de setembro de 2019 a março de 2020, realizamos formação audiovisual de 13 professores da educação básica, sendo seis deles Xakriabá e sete professores que vivem na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Durante esse processo formativo, fizemos encontros com professores aos sábados, das 8h às 18h, nos quais realizávamos exibição de filmes e práticas de gravação de som e imagem. Em seguida, partimos para a realização de filmes nas escolas e num terceiro momento desta primeira fase, elaboramos propostas pedagógicas envolvendo as práticas audiovisuais nas escolas. Todo esse processo foi realizado em Belo Horizonte e na Terra Indígena Xakribá, paralelamente. Em alguns momentos, tivemos encontros entre os dois grupos juntos, sobretudo, no mês de setembro de 2019 (no início da formação), em novembro fizemos uma oficina de edição (também envolvendo todos juntos).

A segunda fase do projeto seria a realização e exibição de filmes com os jovens nas escolas. No entanto, com a pandemia da Covid-19 tivemos que rever nossos planos. Passamos por um período de reformulação, de estudo e pesquisa dos meios digitais, que chamamos de LAPA EMERGENCIAL, entre março de 2020 e julho de 2020. E, em agosto de 2021, iniciamos o LAPA DIGITAL cuja proposta era elaborar novas maneiras de estabelecer contato com os jovens por meio de processos de criação audiovisual envolvendo o som, a imagem e a palavra remotamente. Com a pandemia e o trabalho remoto, avaliamos que teríamos como atender 8 crianças em Belo Horizonte (duas por escola) e três crianças no território Xakriabá (uma por escola).

As reflexões sobre a história e a cultura afro-brasileira e indígena transcorreram em meio aos processos de formação dos professores (de maneira presencial) e em meio aos processos de experimentação audiovisual dos jovens (de maneira remota), tanto no território Xakriabá quanto nas escolas parceiras em Belo Horizonte. Entre as questões, aparece, em Belo Horizonte, a necessidade de reeditar a própria história de vida em função da ancestralidade e das histórias e culturas afro-brasileiras;



a preocupação com o entorno da escola e com a comunidade escolar; o interesse em oferecer experiências sensíveis dentro da escola por meio das quais os estudantes possam ser escutados e também possam se expressar e se manifestar em diferentes linguagens; a necessidade de desfazer as relações de poder e, finalmente, descolonizar a própria escola e sua comunidade.

No território Xakriabá, aparece fortemente a preocupação dos professores com a transmissão do conhecimento tradicional, a memória e os vínculos com os anciãos. A transmissão desse conhecimento é um desafio grande para os professores. O uso do audiovisual é tomado como uma possibilidade de acesso ao conhecimento tradicional pois trata-se de um conhecimento que envolve qualidades sensíveis da experiência. O uso da tecnologia serve para ativar a memória dos mais velhos e produzir um conhecimento que precisa de chegar aos jovens.

Tendo em vista a experiência que tivemos com o LAPA, podemos propor recomendações de políticas públicas para a educação. A seguir, algumas das propostas que podem ser depreendidas a partir desta investigação.

Ações voltadas às escolas

O espaço da escola é fundamental para que as práticas audiovisuais possam de fato estar presentes no cotidiano dos jovens e dos professores. Para que as práticas audiovisuais (realização e exibição de filmes) possam ocorrer é importante que as escolas:

- 1 Escutem os professores e professoras. Durante muito tempo as práticas audiovisuais estiveram presentes nas escolas a partir da presença de educadores audiovisuais que desenvolviam projetos circunstanciais de oficinas de audiovisual, sendo que algumas delas nem chegavam a envolver os professores. No entanto, se não há uma formação do professor para atuação na escola o que o educador audiovisual traz para esse espaço acaba se perdendo com o tempo e não tem continuidade. Para que a experiência com as imagens se qualifique e se efetive é fundamental que o professor vivencie as experiências audiovisuais ele próprio. Isso além de ser formativo para o professor em diversas dimensões (estéticas e políticas) também oferece uma possibilidade de expressão e de criação que espera-se que ele venha a compartilhar com seus estudantes.
- 2 Disponibilizem espaços como Laboratório de Informática com computadores e programas de edição e disponibilizem também equipamentos como câmeras de vídeo, gravadores de áudio e projetores para que os professores possam desenvolver práticas audiovisuais com seus estudantes. É importante que esses equipamentos estejam disponíveis mesmo que não sejam de aquisição recente.
- 3 Constituição de acervo próprio de filmes. As escolas podem ser espaços de realização de filmes e também de exibição e debate de filmes. Para tanto faz-se necessário compor um acervo que contenha filmes realizados por pessoas da comunidade, cineastas próximos, que abrigue também filmes realizados no Brasil e que lidem com condições semelhantes com aquelas que os jovens enfrentam



no dia a dia para produzir seus vídeos. Recomenda-se, portanto, que seja um acervo que contenha filmes indígenas, quilombolas, realizados por cineastas negros, mulheres. A curadoria desse acervo deve ser objeto de discussão na escola e é importante que esteja em sintonia com a possibilidade de dar a ver a expressão de diferentes culturas e histórias.

4 Realização de mostras de filmes curadas por estudantes e professores. Envolver os estudantes na curadoria de mostras de filmes e mesmo na elaboração do acervo audiovisual da escola é uma forma de conduzir o olhar do grupo para si mesmo e para a cultura audiovisual e cinematográfica de nosso tempo. A decisão sobre o que ver juntos é fundamental para que se crie uma cultura visual na escola para além daquilo que é oferecido pelas redes sociais, pela publicidade e pelas plataformas de *streaming*. Em alguns casos, os filmes da escola podem funcionar como contra-narrativas em relação àqueles filmes vistos dentro do circuito comercial.

5 Realização de mostras de filmes feitos na escola. É extremamente importante para a comunidade escolar que os trabalhos realizados internamente sejam vistos por diferentes turmas e diferentes segmentos. Essa circulação das imagens na escola pode favorecer o diálogo e também pode contribuir para a criação de laços e elaboração de propostas em comum para a comunidade. Pode estimular a escuta e a observação do grupo para si mesmo e para o espaço fora da escola. Na experiência que tivemos com o LAPA, ver juntos as imagens realizadas na escola é uma maneira de abrir uma possibilidade de escuta e de experiência sensível que não aconteceria de outro modo.

Ações e/ou voltadas às instâncias educacionais (gestão pública)

Em 2014, foi aprovada a Lei 13.006. A introdução do audiovisual na escola, que permanecia até então de fora dos documentos oficiais, foi finalmente legitimada, determinando que as escolas da educação básica exibissem duas horas de filmes feitos no Brasil por mês como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica. Vários projetos, cursos e eventos surgiram ou foram incrementados naquele momento. A possibilidade do cinema como política pública acessível para todos e todas desde as escolas da educação básica era um sonho e uma luta de décadas que parecia tornar-se realidade. Mesmo que no campo da arte-educação, o cinema e o audiovisual permanecessem não sendo considerados formalmente, sua presença transversal no currículo da educação básica e a aprovação da Lei 13.006 permitiam um avanço do ponto de vista das políticas públicas. A criação do Laboratório está em sintonia com esta Lei e também com a Lei Federal 11.645, de 2008, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena. É inegável que as políticas públicas são fundamentais para garantir que as imagens possam ser objeto de elaboração subjetiva e constitutivas de vínculos sociais com histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas no Brasil. Para que isso aconteça, recomendamos:

1 Formação audiovisual de professores e professoras da educação básica. É preciso lembrar que os professores e professoras que estão em atividade atualmente nas escolas não tiveram uma formação



em audiovisual devido ao currículo dos cursos que frequentaram na graduação. Muitos desses professores também não tiveram acesso a uma discussão sobre as culturas e histórias afro-brasileiras e indígenas. Essa lacuna pode ser reparada por meio de formação. Sem um investimento no professor e na qualificação de sua mediação lançando mão das imagens torna-se inconsistente qualquer intervenção nas escolas nesse campo. A formação de professores deve ser pensada de modo que o professor seja sempre autor de imagens, textos e de propostas pedagógicas e os processos pedagógicos sempre idealizados como processos de criação. É preciso acrescentar que a Universidade, ao lado do poder público, deve cumprir o seu papel fomentando projetos e políticas de Ações Afirmativas e de aproximação a diferentes epistemologias e maneiras de produzir conhecimento, entre elas podemos destacar o uso da imagem como forma de produção de conhecimento e aprendizagem.

2 Intercâmbio entre professores. É fundamental que os professores possam tomar conhecimento de outras práticas e outras maneiras de lançar mão da imagem e de aprender tal como ocorrem em outras escolas, em outras culturas. Isso amplia o repertório do professor e permite que ele localize outras maneiras de promover mediações nas escolas a partir de outras perspectivas.

3 Constituição de acervo de filmes de acesso público para escolas e professores. A gestão pública pode criar acervos de filmes realizados no Brasil para disponibilizar para escolas e professores da educação básica. A Programadora Brasil (proposta pelo extinto Ministério da Cultura) foi uma política pública voltada para a constituição de acervos de filmes brasileiros. No entanto, não chegou nas escolas e acabou sendo descontinuada. O Cinema em Rede (Ministério de Ciência e Tecnologia) é uma iniciativa que envolve a disponibilidade de lançamentos de filmes brasileiros para instituições públicas, mas está voltado para o circuito exibidor e não para a escola. Seria interessante pensar em uma ampliação para alcançar a relação entre cinema e educação, ou, mais exatamente, as escolas públicas da educação básica, concebendo-as como espaço de ver e criar filmes.

4 Além de disponibilizar filmes, é importante disponibilizar também propostas pedagógicas e criativas para que professores possam empregar em suas práticas. Isso não significa que os professores irão reproduzir metodologias. Essas propostas podem ser usadas pelos professores para que eles criem e concebam suas próprias propostas pedagógicas. No entanto, esse repertório de propostas pode auxiliar a mostrar possibilidades para o professor e tornar viável seu uso no dia a dia na escola.

Dentro do Edital FIS, o LAPA está enquadrado no campo temático I: Currículo, práticas e avaliação. Além disso, está relacionado diretamente com o subtema Estratégias para o enfrentamento e superação das relações étnico-raciais. A experiência do LAPA guarda relação com outros subtemas, que consideramos importantes no segmento dos Anos Finais do Ensino Fundamental a saber:

1. Estratégias de aproximação das culturas adolescentes e juvenis com a cultura escolar por envolver práticas audiovisuais usadas pelos jovens para se expressar;
2. Estratégias didáticas para o ensino de conteúdos disciplinares de forma integrada e/ou



Edital de Pesquisa

Anos Finais do Ensino Fundamental

Adolescências, Qualidade e Equidade na Escola Pública



interdisciplinar devido ao fato do audiovisual e do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena estar relacionado com as disciplinas de Arte, Português e História.

3. Estratégias de uso e desenvolvimento de materiais pedagógicos e/ou ferramentas tecnológicas e/ou práticas de ensino voltadas para a aprendizagem significativa dos estudantes. Quando conseguimos nos aproximar dos jovens e propor interações que façam sentido para eles e elas, constituímos uma comunidade de aprendizado que torna os processos de aprendizagem possíveis. Isso só será possível se suas práticas, suas culturas e suas histórias forem levadas em consideração.

Os achados desta pesquisa dão a ver que as histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas são pouco elaboradas nas escolas justamente por terem sido apagadas pelo processo da colonização - ainda em curso - e pelos interesses capitalistas. Esse apagamento das histórias, das culturas e dos modos de vida que as sustentam produz uma série de impactos sobre a educação, o aprendizado e a formação das pessoas, como a falta de identificação dos jovens e dos próprios professores com a escola, o racismo, a violência, a evasão escolar, o preconceito de gênero e de classe. A nossa proposta é que, em colaboração com professores, pesquisadores e jovens, seja possível formular outras maneiras de pensar a relação com as histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas por meio da mediação com imagens. Assim seria possível tornar visíveis e audíveis as histórias e culturas apagadas. Esse processo envolve o acesso a apagamentos, mas também a vestígios, memórias e ressonâncias. Afinal, consideramos que as histórias e as culturas dos integrantes do grupo podem emergir nos processos de criação audiovisual e que as histórias e as culturas que nos interessavam amplificar são exatamente essas.